
Uma mulher, muitas barreiras

Culpados.

CHOPIN, Kate.
Tradução de Carmem Foltran.

Vinhedo, SP: Horizonte, 2005. 242 p.

Selecionada para figurar em uma coleção especialmente dedicada à presença da mulher na literatura – a coleção *Mulheres e Letras* da Editora Horizonte –, Kate Chopin, assim como as demais autoras previstas nessa proposta editorial, teve de transpor barreiras para poder viver de sua literatura.

Kate Chopin (1850-1904) era uma mulher à frente de seu tempo. De escrita elaborada na forma e ousada no conteúdo, Chopin surpreende pela habilidade narrativa e pela coragem em lidar com temas polêmicos. Já no final do século XIX, impõe corajosamente em sua literatura uma percepção apurada e crítica da sociedade.

Tendo como exemplo a audácia de sua avó, que, em pleno século XIX, foi a primeira mulher a se separar legalmente em Saint Louis (Missouri) e, já em idade avançada, tornou-se empresária, Chopin se tornou uma mulher destemida. Viúva aos 32 anos, teve de se sustentar sozinha, vindo a descobrir sua verdadeira vocação quando passou a escrever regularmente, por indicação do seu terapeuta, tornando-se, assim, uma excelente romancista e conquistando sua independência como escritora.

Culpados, mesmo sendo o primeiro romance escrito por Chopin, já apresenta uma maturidade narrativa inegável. Mas o que salta aos olhos do leitor contemporâneo, quando considerado o contexto social à época em que o livro foi publicado, é o questionamento ostensivo à orientação androcêntrica que vigorava então (e, por que não dizer, vigora até hoje).

Chopin encontrou inúmeras barreiras para publicar suas obras, visto que tocava em temas tabus como divórcio, alcoolismo, tensões raciais, preconceitos morais e religiosos, a frivolidade burguesa, etc. Sua escrita era uma afronta à moral estabelecida, na medida em que construía personagens femininas fortes, que representavam o desejo feminino de independência e

colocavam em xeque preceitos morais e o comportamento padrão que a sociedade impunha à mulher, comportamento esse objeto incansável da ironia de Chopin.

Identidade e diferença são criações sociais e intelectuais disputadas nas relações de poder. Na literatura, a representação dos homens e das mulheres, e das relações entre eles, tem, há séculos, o caráter de reservar à mulher a condição de inferioridade. Até os dias de hoje, como vimos em resultado recentemente divulgado pela pesquisa desenvolvida na Universidade de Brasília¹ sobre os personagens da narrativa brasileira contemporânea, a mulher continua representada em condição marginal. Se a igualdade de gênero depende da superação da disputa por poder que reside na base das relações entre os sexos, podemos entender esse mecanismo como uma estratégia masculina de disputa no campo social, que subentende a desvalorização daquele com quem se disputam posições, no caso, a mulher. Ao criarem repetidamente personagens femininas em situação inferior, os autores (que são em sua maioria homens) normalmente funcionam também, de forma performativa, como agentes produtores de exclusão das mulheres. O que Chopin faz é escapar dessa artimanha, e em lugar de repetir o discurso hegemônico machista, por meio dos personagens que cria, ela estabelece representações que questionam e contestam as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade. A inclusão social da mulher passa por um processo de renovação da sua identidade em todos os setores, inclusive no campo literário.

Não obstante a censura dos editores, Chopin publicou seu livro com recursos próprios. Teve, por um lado, certo reconhecimento da crítica, que não pôde negar seu talento, mas por outro, pesando muito mais na balança, enfrentou a resistência dos editores e leitores, ainda arredios

diante de tamanha ousadia. Os mesmos motivos pelos quais Chopin foi condenada em sua época hoje lhe conferem reconhecimento. Sua produção literária é resgatada nos dias atuais justamente por levantar temas que hoje nos são tão caros, tão atuais, especialmente quando se pretende falar da luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo da reformulação da identidade feminina na sociedade.

Nesse romance Chopin retrata a vida dos crioulos (descendentes de franceses vivendo no Sul dos Estados Unidos) e dos negros que trabalhavam como serviçais nas fazendas da região. Para tanto, além de apresentar seu modo de vida, suas tradições e crenças, ela expõe as peculiaridades lingüísticas de cada grupo reproduzindo sua maneira de falar, elaborada de tal forma que remete à personalidade social e individual de cada um de seus personagens.

De estilo realista, com uma narrativa enxuta, preocupada com descrições dos ambientes o suficiente para colaborar na construção emocional dos personagens, a autora mexe com a imaginação do leitor, que toda hora é forçado a preencher os vazios colocados estrategicamente no decorrer do livro. A economia narrativa é um ingrediente que atesta a intenção de forçar o leitor à reflexão. Ele é levado, a todo momento, a fazer elucubrações, a concordar e discordar, a pensar criticamente sobre o que lê e sobre suas próprias convicções. E, se não estiver atento à ironia, dissimulada muitas vezes, certamente cairá na armadilha do narrador e será traído por seus próprios preconceitos, pois a capa da moral aqui é colocada ao avesso. O que parece certo nos é mostrado factualmente como errado.

A protagonista de *Culpados*, Thérèse Lafirme, viúva aos 30 anos, passa a administrar com desenvoltura a plantação de algodão deixada pelo marido. Há que se ter cautela desde o início com a construção dessa personagem, pois, ao mesmo tempo em que nos é mostrada como uma mulher diferente, é pela descrição ambígua do narrador que a vemos: "Thérèse era uma mulher de coração sensível e uma mulher de visão intelectual nítida, uma combinação *não encontrada com tanta frequência a ponto de ser comum*" (p. 48, grifo nosso). Vemos nessa frase que, pelo mesmo mecanismo que enaltece Thérèse, ele desmerece, em oposição, uma gama muito maior de mulheres, quase que afirmando que o modelo de mulher comum seria o da mulher sensível e burra. Não nos enganemos: esse não é um comentário simplesmente preconceituoso, mas sim, certamente, vem

carregado de tom crítico, como se vê por outras personagens e comparações que aparecem no decorrer do livro.

David Hosmer, um empresário divorciado, aparece para propor a Thérèse uma boa oferta em troca do direito de cortar madeira de suas terras por alguns anos. Os dois rapidamente se apaixonam, mas Chopin nos mostra então as limitações de Thérèse, que, ao descobrir que Hosmer era divorciado (de Fanny Larimore, uma jovem alcoólatra e dada a rodadas de diversão com amigos), mostra-se ainda refém de uma moral elevada demais para se dar ao luxo de ser feliz com ele:

– Não pensei que a senhora fosse católica. – Disse, finalmente virando-se para ela com braços cruzados.

– Porque o senhor nunca viu nenhum sinal externo. Mas não posso deixá-lo com a impressão errada: a religião não influencia minha opinião neste assunto.

– A senhora acredita, então, que um homem que teve tamanho infortúnio deveria ser privado da felicidade trazida por um segundo casamento?

– Não, nem uma mulher, se estiver de acordo com seu princípio moral, o que eu acredito ser algo peculiarmente pessoal.

– Isto me parece ser um preconceito. Preconceitos podem ser deixados de lado por um esforço da vontade. – Respondeu, segurando-se a um fio de esperança.

– Existem alguns preconceitos que uma mulher não pode se dar ao luxo de abandonar, senhor Hosmer, mesmo pelo preço da felicidade. Por favor, não diga mais nada sobre isso, não pense mais no assunto. – Ela disse com um pouco de arrogância (p. 55-56).

Ainda, a partir desse diálogo podemos refletir sobre a própria questão do divórcio. Chopin, aqui, também subverte o que normalmente se veria à época, que é a mulher divorciada sofrendo o preconceito da sociedade, sofrendo impedimentos morais para poder se casar de novo. Aqui é o homem que aparece como vítima desse preconceito; é o homem que aparece em condição de humilhação.

Ao contrário do que possa sugerir à primeira vista, em uma leitura superficial, o tema principal desse romance, apreendido pelo discurso que envolve a história, não é o amor e o sofrimento que este pode causar. Seu tema central é, antes, a linha tênue que distingue o certo do errado, entendida a partir da perspectiva da religião. A partir dos entraves das convicções morais de Thérèse, que Chopin põe à prova com o enredo que constrói, é que se dá o questionamento de

toda uma moral católica vigente, que fornecia uma falsa perspectiva das coisas.

Thérèse, tentando agir com correção, apesar do amor que nutria, convence Hosmer a voltar para sua esposa e assumir sua responsabilidade para com ela, o dever de tentar livrá-la de seus vícios. Ele vai buscá-la em Saint Louis e os dois voltam a viver juntos na fazenda, perto da serraria e perto de Thérèse. Apesar de se empenhar na sua tentativa, Hosmer fracassa. Fanny volta a beber, traz de volta o transtorno à vida de Hosmer e, afinal, tragicamente morre afogada em um acidente (morte que teria sido evitada, se tudo tivesse sido deixado como estava).

Hosmer e Thérèse estão, finalmente, livres para viver seu amor, sem culpa. Mas, nas páginas finais do livro, eles percebem (assim como nós, leitores) claramente que foram vítimas da moral instituída que contamina suas ações:

– Eu me vi enganada ao seguir o que parecia ser a única coisa certa. Eu sinto como se não houvesse caminho para onde me voltar. Antigos pilares parecem estar se abrindo debaixo de mim. Eram tão seguros antes. Tudo começou, lembra-se, ah, sabe quando deve ter começado. Mas acha, David, que é certo que devemos encontrar nossa felicidade saída de um passado de dor, pecado e confusão?

– Thérèse. – Disse Hosmer firmemente. – A verdade em sua completude não é dada ao homem conhecer, tal conhecimento, sem dúvida, estaria além da capacidade humana. Mas demos um passo nesta direção, sabemos que há podridão e mal no mundo, disfarçados de certo e moral, quando aprendemos a parar nesta luta da vida para questionar (p. 235).

Essas frases pinçadas podem ser tomadas como uma síntese do livro e da intenção viva de Chopin de mostrar que a realidade não é imutável e que é possível elaborar uma outra visão sobre ela. Escrever um romance assim talvez seja o primeiro passo na direção de “escrever” uma outra realidade. São atividades que, de certa forma, se assemelham, se interpenetram e se complementam.

Nota

¹ Pesquisa de mapeamento *Personagens da narrativa brasileira contemporânea*, do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB. O artigo que analisa resultados da pesquisa, de autoria da professora doutora Regina Dalcastagnè, pode ser lido no número 26 da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*.

Laeticia Jensen Eble ■
Universidade de Brasília